

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA EDUARDO DIAS FONSECA GUIMARÃES,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO MARIA FATIMA DA FONSECA,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



Logos

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA EDUARDO DIAS FONSECA GUIMARÃES,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO MARIA FATIMA DA FONSECA,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO
O AVESSE DA PELE

AUTOR
JEFERSON TENÓRIO

TEMAS
**DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA
E COM A ANTROPOLOGIA;
BULLYING E RESPEITO À DIFERENÇA;
CIDADANIA;
INQUIETAÇÕES DA JUVENTUDE**

GÊNERO LITERÁRIO
ROMANCE

Logos

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Revisão

Aminah Haman
Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Guimarães, Eduardo Dias Fonseca

Material digital do professor — O avesso da pele /
Eduardo Dias Fonseca Guimarães ; coordenação de Maria
Fatima da Fonseca ; CEDAC. — 1ª ed. — Vitória : Logos,
2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-993641-0-5

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Tenório,
Jeferson. O avesso da pele. III. Fonseca, Maria Fatima da.
IV. CEDAC.

21-0700

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

HSF COMERCIAL LTDA.

Avenida Américo Buaiz, 501, salas 603 e 605, Torre Norte

Edifício Victoria Office Tower — Enseada do Suá

29050-420 — Vitória — ES

Telefone: (27) 3204-7489

SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 7

Autor, obra e a literatura hoje, 8

O gênero romance e a temática desse livro, 9

Proposta de atividade I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, **12**

Pré-leitura, 13

Leitura, 15

Pós-leitura, 19

Proposta de atividade II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, **22**

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, 22

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, **38**

A autoficção como modo de contar-se, 39

Sugestões de referências complementares, **42**

Bibliografia comentada, **44**

Obras citadas, **45**

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *O avesso da pele*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos do autor, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado

não só em favorecer a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e os estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

O contexto em que vivemos apresenta desafios sociais e estruturais que vão eclodindo e revelando problemas sérios e profundos, que em regra explicitam também uma atuação deficiente e nociva do Estado e seus governantes. O racismo e a desigualdade social são parte das questões que assolam o país gerando consequências nefastas como morte, violência e exclusão, ou seja, são pautas urgentes.

Atuando em favor de suas resoluções, há cada vez mais organizações de resistência que articulam movimentos de protesto e lutam para garantir direitos de grupos minorizados (isto é, grupos que são tratados como uma minoria sem direitos e sem acesso a bens sociais, econômicos e culturais, além de vítimas de uma violência estrutural). Nesse sentido, o livro *O avesso da pele* é instigante por abordar por meio da literatura questões sociais importantes, como racismo, paternidade e educação, convidando-nos a refletir e a participar desses problemas coletivos. E isso a partir de uma linguagem ágil e precisa que, para tratar de temas amplos, nos coloca, como leitores, colados aos personagens e suas experiências.

Se quiser saber mais sobre racismo no Brasil, é interessante consultar a entrevista que Djamila Ribeiro concedeu ao portal *Gaúcha ZH*: bit.ly/EntrevistaDjamilaR (acesso em: 5 nov. 2020).

Leia um trecho da entrevista:

Gaúcha ZH: Você já disse que, no Brasil, o racista só se incomoda com o racismo do outro.

Que só percebe como racismo as atitudes e não enxerga o racismo estrutural.

Djamila Ribeiro: O debate racial está melhorando, mas era mais difícil porque o país foi fundado no mito da democracia racial. Por muito tempo, o Brasil romantizou essa mistura de raças. Mas não contou para a gente que, na verdade, as mulheres negras escravizadas eram estupradas. Criou-se toda uma narrativa romântica em cima disso. Sempre dou um exemplo da USP que é surreal: no departamento de Filosofia, só há professores que são homens brancos, e quando você vai ao banheiro, todas as terceirizadas são mulheres negras. O problema é que as pessoas naturalizaram esses lugares, pensam

que é natural uma mulher negra estar num papel de submissão e servidão. [...] Não se questionam por que nunca tiveram professores negros ou não convivem com pessoas negras em espaços de privilégio, e isso em um país de maioria negra. Precisamos descondicionar nosso olhar e começar a entender que esses privilégios são criados como frutos da opressão de outros grupos. [...] Foram 354 anos de escravidão. Como que isso não vai ter impacto na vida da população negra? Significa que, por mais de três séculos, boa parte da população era mercadoria que trabalhava para enriquecer a outra e que não teve direito à riqueza que produziu. É justamente por isso que a gente ainda é a grande massa de pobres nesse país. Se você conhecer a história do Brasil de fato, não vai ser contra cotas ou políticas de diversidade. É mais fácil apelar para meritocracia, dizer que “se você se esforçar, você consegue” quando uma boa parte da população sequer precisa se esforçar porque são herdeiros. [...]

Enquanto tiver essa desigualdade absurda, como a gente vai discutir violência? As pessoas precisam entender que não vai estar bom para elas enquanto a maior parte da população ainda não tiver direitos mínimos. (TANCREDI, 2019)

AUTOR, OBRA E A LITERATURA HOJE

Se pensarmos na literatura contemporânea brasileira em um plano de generalização (uma espécie de “movimento geracional”), as palavras de ordem provavelmente são: pluralidade e problematização. Isso em relação a estéticas, temas e, sobretudo, posicionamentos éticos e políticos. Assim, na atual produção literária, podemos notar o uso de diferentes tempos, espaços, gêneros e formas de narrar que se aliam ao movimento de reposicionar questões, seja de planos individuais, seja de esferas sociais amplas. E é isso que encontramos no romance *O avesso da pele*, uma jornada de reposicionamentos e ressignificações que parte de um olhar atento àquilo que está perto e próximo, como as relações de trabalho e conexões entre pai e filho e que, desde aí, alcança planos mais gerais e sociais. A obra, dessa maneira, estabelece, no plano literário, um apelo sensível à reflexão e participação dos leitores na construção de uma sociedade mais igualitária e livre de preconceitos.

Jeferson Tenório nasceu no Rio de Janeiro, em 1977, é escritor e professor de língua e literatura na rede pública de ensino de Porto Alegre, onde vive. Coursou Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição em que também obteve o título de mestre em Literaturas Luso-africanas. Atualmente, finaliza sua

tese de doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Figura reconhecida no cenário literário contemporâneo, o autor já publicou romances como *O beijo na pele* (2015), *Estela sem Deus* (2018) e *O avesso da pele* (2020), além de participar de antologias de poemas e contos.

Seu projeto autoral alia a pesquisa universitária com a sensibilidade de escrita literária, que pensa, sob uma perspectiva pós-colonial, questões relacionadas ao espaço da negritude e suas lutas, em contextos sociais em que o racismo se manifesta das mais variadas formas. O ato de escrever, para o autor, é um verdadeiro exercício de pensamento crítico e, ao correlacionar o real à ficção, suas narrativas estimulam as condições para que vozes minorizadas apareçam e se coloquem em espaços mais justos no mundo.

O GÊNERO ROMANCE E A TEMÁTICA DESSE LIVRO

Sobre o gênero literário **romance**, é importante realçar que se trata de uma narrativa tradicionalmente longa se comparada a outros gêneros, como o conto, e por isso ela leva o leitor a estabelecer uma relação diferente com o tempo. Isso acontece porque a leitura do romance demanda o empenho do corpo do leitor, que vai acompanhando, ao longo das páginas, os personagens e os desenlaces de suas questões, seus sentimentos, suas transformações. Assim, a leitura de romances no Ensino Médio é um convite tanto à reflexão de questões pessoais e subjetivas, que estimulam os estudantes a refletirem sobre a própria vida, como também a lançarem um olhar para questões sociais mais amplas, que dizem respeito ao mundo e à sociedade na qual fazem parte.

Além disso, a leitura desse livro caracteriza uma rica experiência de imersão à literatura. Trata-se de uma prosa que se vale de dispositivos estéticos e estilísticos com precisão, e flerta com gêneros textuais diferentes do romance, tal como o diário. Em *O avesso da pele*, esse diálogo íntimo, sempre evocando a figura do pai, extrapola um plano “confessional e derramado” para abordar importantes temas como: **respeito à diferença; cidadania; inquietações da juventude e diálogos com a sociologia e com a antropologia**. Tais temas ficam claros tanto em um plano mais abrangente e social abordado pelo livro, marcado por questões como racismo e desigualdade social, como também por planos subjetivos, como os rituais de pas-

sagem, a escolha da profissão, e as relações familiares e afetivas, por vezes marcadas por violências e incompreensões. Assim, em *O avesso da pele*, enxergamos um contexto de claro **desrespeito à diferença e à cidadania**, e somos levados a estabelecer **diálogos com estudos estruturais como os empreendidos pela sociologia e antropologia**, já que os dramas vividos pelos personagens centrais desse livro, por serem negros, se repetem, o tempo, na vida real da sociedade brasileira. Além disso, essa obra convida os leitores a, enquanto leem o texto, refletirem sobre os dramas e as inquietações impressos no papel relacionando-os à própria vida, ampliando, assim, o repertório para lidar com a realidade.

Tal processo é facilitado pelo fato de a narrativa de *O avesso da pele*, ainda que ficcional, comprometer-se com o real, problematizando-o. Nesse sentido, Jefferson Tenório dialoga com escritores brasileiros tradicionais e reconhecidos, como Lima Barreto (1881-1922), ao retratar o cotidiano e a situação de vulnerabilidade de suas personagens. Ou ainda com Jorge Amado (1912-2001) e Graciliano Ramos (1892-1953), nos termos de denúncia e exposição de mazelas sociais, que em *O avesso da pele* dirigem-se à situação dos negros e sua contínua luta por respeito, justiça e igualdade. Outra relação possível se dá com a obra de Carolina de Jesus (1914-1977), tanto pelo tema quanto pela estratégia narrativa: ao narrar em primeira pessoa, contando fatos de sua vida e de seu pai, o narrador de *O avesso da pele* opera uma interessante aproximação com o relato em diários.

Por outro lado, a ligação de *O avesso da pele* com a escrita contemporânea também é marcada na obra. Em termos temáticos, é possível estabelecer aproximações com Giovani Martins, autor do livro *O sol na cabeça: contos* (2018), em questões como racismo ou abordagem e violência policial. No campo estilístico, por outro lado, Jefferson Tenório mostra concisão e objetividade, fato que torna possível estabelecer conexões com a prosa de Marçal Aquino, autor de *O amor e outros objetos pontiagudos* (1999). Assim, Tenório dialoga com a tradição da literatura, fato que é ressaltado pela própria epígrafe do livro, que faz menção a Hamlet, um texto clássico de William Shakespeare (1564-1616), e com a contemporaneidade literária, estabelecendo-se como voz consciente do passado e ativa no presente.

Além disso, essa obra estimula relações transdisciplinares com a Sociologia e a Antropologia, por exemplo, uma vez que, além dos conflitos nas relações de tra-

balho e familiares que são retratados junto com os processos de amadurecimento dos personagens, ganham destaques cenários cotidianos de preconceito e desigualdade social e racial, isso é, enxergamos nessa narrativa uma cidadania desrespeitada, estimulando assim a ampliação da consciência social nos jovens leitores.

Por fim, *O avesso da pele* dialoga também com Temas Transversais Contemporâneos (TTC) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Um desses temas, que merece ser abordado com os estudantes, diz respeito ao Multiculturalismo e sua valorização. Trata-se de um aspecto que se relaciona de forma bem contundente com a obra *O avesso da pele*, por trazer elementos relacionados à negritude (vivida pelo autor, Jeferson Tenório, bem como pelos personagens da narrativa) e também elementos culturais de matriz africana, como a figura dos orixás. Assim, essas realidades e referências culturais são importantes pontes de diálogo com os estudantes, que podem ser estimulados a refletir sobre a potência que existe no contato com diferentes culturas, tradições e conhecimentos — movimento que amplia o repertório cultural e a capacidade de pensamento e também de olhar o outro com empatia e respeito às diferenças.

PROPOSTA DE ATIVIDADE I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

HABILIDADES

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

(EM13LGG203) Analisar os diálogos e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e em suas produções (artísticas, corporais e verbais).

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re) construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADES

(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

(EM13LP48) Identificar assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos.

(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

PRÉ-LEITURA

Antes de iniciar a leitura de *O avesso da pele*, é interessante chamar a atenção dos estudantes para elementos como os paratextos do livro e principalmente a capa, uma vez que eles ajudam a compor a leitura da obra como um projeto literário integrador de várias perspectivas de interpretação.

Nesse contexto, a apreciação da capa é importante para despertar a curiosidade e o interesse dos jovens pela leitura, uma vez que ela é a janela de entrada para a obra e possibilita antecipações que serão confirmadas ou não. Além disso, esse exercício é uma oportunidade de estimulá-los a se sensibilizarem e se aprofundarem em relação às imagens e suas possibilidades de leitura. Nesse sentido,



O avesso da pele traz uma capa bonita, sugestiva e que é facilmente relacionada à narrativa depois que conhecemos a obra. A imagem reproduzida na capa é uma pintura do artista visual Antonio Obá e se intitula *trampolim — banhista* (óleo sobre tela, 2019), como podemos ver nas informações que estão na página de créditos do livro (p. 4).

Para iniciar, pergunte aos estudantes o que acham da capa e a que ela os remete. Conte-lhes que se trata de uma pintura e veja se imaginam qual é o título dessa tela. Você pode estimular que reparem nas cores: são predominantes frias, com o destaque

para o azul, o cinza e variantes, que tomam conta de todo o cenário. Que sensação isso causa? Além disso, como eles percebem a figura do banhista? Como ele parece estar se sentindo? Será que vai pular?

Reflita com os estudantes que se trata de um homem negro, vestido com um calção de banho de cores suaves, com aves e flores que lhe servem de estampa. Apesar do calção e da piscina, o homem posicionado no trampolim encontra-se de costas, encolhido, o que sugere um tom de angústia ou receio. Assim, o que poderia ser lido como preparação ativa para o lançar-se nas águas escamoteia também um recuo: há um corpo negro visivelmente tenso e encolhido, com as mãos que parecem em prece. Essa reflexão sobre a capa, justamente por envolver um olhar atento às emoções e aos sentimentos do homem retratado, é importante para estimular nos estudantes o exercício da empatia, competência fundamental na formação de pessoas que atuarão no mundo.

Para continuar a conversa, você pode perguntar se há alguma outra coisa que chama a atenção nessa imagem. Repararam na janela? Por que será que há uma janela nesse lugar, qual sensação ela causa? Procure conversar com os estudantes sobre o fato de que a janela é a única abertura no cenário: eles repararam nos raios de luz que entram por ela e refletem nas costas do homem no trampolim? E o que essas marcas nas costas dele parecem? Podemos pensar em grades de uma prisão?

Para dar sequência a esse diálogo, eles podem ser instigados a imaginar

**UM ROMANCE SOBRE IDENTIDADE E
COMPLEXAS RELAÇÕES RACIAIS, UMA OBRA
CONTUNDENTE NO PANORAMA DA NOVA
FICÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA**

O avesso da pele é a história de Pedro, que, após a morte do pai, assassinado numa desastrosa abordagem policial, sai em busca de resgatar o passado da família, refazendo os caminhos paternos. Com uma narrativa sensível e por vezes brutal, Jeferson Tenório traz à superfície um país marcado pelo racismo e por um sistema educacional falido, em um denso relato sobre as relações entre pais e filhos.

como será o livro. Sobre o que será a história que traz essa imagem com o título *O avesso da pele*? Aliás, o que esse título significa? Será que há alguma relação com a pele negra? Em seguida, leia com eles o texto de contracapa.

O que eles entendem desse texto? Ele nos ajuda a ter uma noção do que encontraremos no livro? Os estudantes costumam recorrer a esse tipo de texto quando estão conhecendo ou escolhendo um livro para ler? Para dar continuidade, peça aos

estudantes que se organizem em grupos e discutam se há relações entre a ilustração da capa e esse texto de contracapa, que nos conta um pouco do que se trata o livro. Algumas questões podem contribuir para essa conversa: que relações podemos estabelecer entre a capa e o texto de contracapa? É possível fazer ligações entre a figura do homem no trampolim e os temas que serão abordados no livro? Quais? Passe pelos grupos enquanto eles dialogam, estimulando que façam reflexões e, na sequência, abra uma roda de conversa com toda a turma, aprofundando o assunto e as possíveis conexões entre a capa e o texto da quarta-capa. Pergunte também se eles se recordam da capa de outro livro que lhes tenha chamado a atenção, e se a capa também se relacionava à obra. Feitas essas considerações, finalmente proponha aos estudantes o início da leitura da narrativa.

LEITURA

A leitura individual, silenciosa e autônoma de um livro é altamente recomendada aos estudantes do Novo Ensino Médio. Ao mesmo tempo, o acompanhamento do professor, estimulando e propondo leituras coletivas, é fundamental na formação de leitores literários, capazes de fruir os textos não só por seus conteúdos, mas também pela forma como as narrativas são contadas. Assim, refletir com os jovens sobre aspectos como a elaboração estética das obras é um modo de estimulá-los na ampliação da capacidade leitora e do gosto pela leitura. Por isso, recomendamos a leitura compartilhada e em sala de aula de ao menos uma parte do livro, que pode ser combinada com leituras autônomas, feitas em casa, pelos estudantes. A leitura compartilhada é uma oportunidade de os jovens se envolverem com a obra, dialogarem e analisarem aspectos que possivelmente seriam negligenciados na leitura individual.

Assim, para iniciar, proponha a leitura compartilhada do primeiro capítulo do romance, intitulado “A pele” (p. 11-36). Comece lendo a primeira metade dele (até aproximadamente a p. 26) e abra uma roda de conversa com os estudantes. Pergunte o que mais chamou a atenção nesse primeiro contato com a obra. Eles se conectaram com a narrativa? Se sim, como? Se não, por qual motivo? Como lhes parece a realidade desses personagens, e com quem será que o narrador, ao dizer “você”, está falando? Essas perguntas são importantes para construírem a com-

preensão e perceberem os sentimentos em relação ao texto e também para estimulá-los a se envolverem com as situações vividas pelos personagens.

Feito esse diálogo inicial, continue com a leitura compartilhada da segunda metade do capítulo “A pele” (p. 27-36). Essa passagem do livro, mais uma vez, é sensível e contundente, fato que estimula a abertura de mais uma roda de conversa com os estudantes, para tratar agora de passagens como a seguinte:

[...] Na verdade, passadas algumas semanas, ela começou a ficar incomodada com toda aquela história de raça, preconceito e negritude. Por vezes, ela chegou a pensar que o professor Oliveira não passava de um fanático e que você estava indo para o mesmo caminho. Mas ela não te disse nada de início, porque não tinha coragem e não queria te magoar. Então, sempre que podia, Juliana mudava repentinamente de assunto. Além disso, os almoços de domingo na casa da avó dela tornaram-se cada vez mais difíceis para você, não que os parentes de Juliana tivessem aumentado as piadas e comentários racistas que faziam, mas é que agora você começara a ter um pouco mais de consciência. Então, certo dia, ao saírem dali, você disse à Juliana que preferia parar de ir àqueles almoços. Ela te perguntou o porquê, e você respondeu que não queria mais ouvir aquele bando de racistas te chamando de negão toda hora, e que você tinha um nome e talvez eles nem soubessem que seu nome era Henrique. Juliana não disse nada. Preferiu ficar quieta, porque não queria brigar. Ela estava magoada com o que você tinha dito dos tios. *Eles não são racistas, só não estudaram o que você estudou.* Mas, quando vocês estavam no ônibus, voltando para Porto Alegre, Juliana disse que estava triste com seu jeito, que você tinha mudado e que já não sabia brincar. Agora você levava tudo muito a sério. Agora para você tudo era racismo. *Você não era assim. Será que não podemos ser como antes?* Ao escutar aquilo, você não sabia muito bem como reagir. Você estava com raiva. Não acreditava no que estava ouvindo. Queria ser ponderado, mas você tinha apenas dezenove anos e não sabia ser ponderado. Vocês chegaram ao interior do labirinto afetivo. O mesmo que você enfrentará toda vez que se relacionar com mulheres brancas. Antes de descer do ônibus, você a chamou de egoísta, disse que ela não estava nem um pouco preocupada com você e com o jeito que os parentes dela o tratavam. Juliana tentava ser ponderada e até carinhosa. Ela te chamou de *meu nego*. Num rompante, você a proibiu de chamá-lo assim. *Não sou teu negro. Não sou teu preto. Meu nome é Henrique.* [...] (p. 34-5)

Durante a conversa com os estudantes, pergunte o que pensam dessa situação, e o que ela indica em relação ao personagem Henrique. Chame a atenção para o fato de que nesse momento da narrativa fica clara uma mudança na vida desse personagem, associada a uma tomada de consciência que, no caso de Henrique, foi estimulada pelo professor Oliveira, que também era negro, como Henrique. É a tomada de consciência que nos permite enxergar novos aspectos de situações que vivemos, e que nos convida a assumir novas posições, como Henrique, que passou a enxergar com clareza e deixou de tolerar as violências raciais que sofria da família de Juliana. Nesse diálogo, é importante ficar atento aos comentários e às reações da turma, uma vez que é possível que sejam manifestados posicionamentos racistas e ofensivos — fato que demandará do educador sensibilidade, além de esclarecimentos e transmissão de informações para que tais condutas sejam repensadas. É interessante novamente falar com os estudantes sobre empatia, convidando-os a refletir sobre quais sentimentos e emoções afetam uma pessoa que, como os personagens do livro, sofre racismo. Além disso, deve-se dar especial atenção aos jovens negros da turma, uma vez que esse é um tema extremamente sensível.

Para aprofundar o diálogo, sugere-se discutir com os estudantes temas como racismo e lugar de fala, dialogando com pensadoras como a brasileira Djamila Ribeiro (que publicou obras fundamentais sobre o tema, como *Pequeno manual antirracista*). Para isso, sugere-se que seja lida com os estudantes a entrevista que ela concedeu ao portal *Gaúcha ZH* e que foi mencionada antes (p. 7-8 deste material). Além disso, nessa conversa com a turma, especialmente quando estiver falando sobre lugar de fala e silenciamento de grupos minorizados, é interessante problematizar o fato de *O avesso da pele* ter sido escrito por um autor negro: como seria se o livro fosse de um autor branco?

Se quiser aprofundar a discussão sobre lugar de fala com os estudantes, há um interessante artigo, “O que é ‘lugar de fala’ e como ele é aplicado no debate público”, do *Nexo*, disponível em: www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/15/O-que-%C3%A9-%E2%80%99lugar-de-fala%E2%80%99-e-como-ele-%C3%A9-aplicado-no-debate-p%C3%BAblico [acesso em: 9 nov. 2020].

É recomendável que ao menos alguns trechos desse artigo sejam lidos

com os estudantes, como a explicação da jornalista e pesquisadora Roseane Borges sobre o conceito de “lugar de fala”, que deve ser abordado com cuidado “pois ele vem de um campo teórico que analisa o discurso a partir de teorias da enunciação”. Lugar de fala, para ela, consiste na “posição de onde olho para o mundo para então intervir nele”.

Outra importante passagem a ser destacada é quando a ativista negra e arquiteta Joice Berth conta que

[...] descobriu o que era o conceito de “lugar de fala” na prática: quando ela fez um comentário do seu ponto de vista — como mulher negra — que julgou, na época, pertinente às comunidades de pessoas transgênero, e descobriu em seguida que o que havia dito era um equívoco, por ter se posicionado sobre algo que apenas pessoas transgênero teriam vivenciado. Então entendi que o “lugar de fala” é o limite que mostra que, por mais que eu tenha consciência das opressões que não são minhas, as minhas experiências não são suficientes para falar por outros.

Além de falar sobre esses importantes conceitos e aspectos do enredo, converse com os estudantes também sobre as especificidades do narrador nessa obra; afinal, para a formação de leitores fruidores, é fundamental que apreciem as obras pelo conteúdo e também pela forma na qual os textos são construídos. Para isso, fale sobre os diferentes tipos de narradores e as especificidades do narrador em primeira pessoa, que é o procedimento adotado em *O avesso da pele*. Que diferença eles percebem quando se usa um narrador em primeira ou em terceira pessoa? É interessante ressaltar que, nessa obra, a utilização do narrador em primeira pessoa muitas vezes gera um tom confessional, que aproxima o leitor da narrativa e interfere nas emoções, como se a história contada pudesse ser a nossa. É o que acontece na seguinte passagem:

Quando você e minha mãe foram morar juntos, vocês jamais imaginaram que as coisas fossem acabar como acabaram. Você ignorou todos os sinais de que aquilo não iria terminar bem. E eu não o culpo. [...] (p. 73)

Além disso, converse novamente com a turma sobre o uso do pronome “você” ao longo de todo o texto e, para aprofundar, aborde com eles o tema “pes-

soas do discurso”. Feitas essas explicações, monte com os estudantes na lousa um esquema como o seguinte:

Em o *Averso da pele*, quem é:

- a pessoa que fala
- a pessoa com quem se fala
- a pessoa de quem se fala

Durante essa atividade, pondere com eles sobre o fato de que, nesse romance, em muitas passagens, a pessoa de quem se fala parece ser a mesma com quem se fala: Henrique, o pai. Reflita com os estudantes que isso parece dar a dimensão da falta dessa figura paterna para o narrador, que, em um processo de retomada e reconstituição do pai, o coloca por todo o discurso como uma presença que envolve ele (o narrador), nós (o leitor) e vários outros personagens da trama. Para finalizar, estimule os estudantes a prosseguirem com a leitura do livro. É recomendável reservar trechos que podem ser lidos em sala de aula, em leituras compartilhadas seguidas de rodas de conversa e também trechos que podem ser lidos de modo autônomo, em casa.

PÓS-LEITURA

Agora que os estudantes têm uma visão ampla dessa narrativa, é interessante retornar e conversar com eles sobre os textos de abertura presentes nesse livro: a dedicatória e principalmente a epígrafe. A ideia aqui será refletir com eles sobre esses elementos e, principalmente, sobre o conceito de intertextualidade. Para isso, pergunte se sabem o que é uma dedicatória e uma epígrafe, e recordam-se de tais textos presentes no início da obra *O avesso da pele*.

Se quiser se aprofundar sobre **intertextualidade**, há a interessante obra *A intertextualidade*, de Tiphaine Samoyault (São Paulo: Hucitec, 2008).

Provavelmente os estudantes não se lembrarão desses paratextos; por isso, durante esse diálogo, ressalte a importância e a função desses elementos que acabam amplificando e, ao mesmo tempo, sugerindo sentidos e leituras possíveis para a obra. Assim, leia com eles a dedicatória do romance: “*Para João, meu filho*”. Eles

sabem para que serve uma dedicatória? Essa dedicatória se liga à história narrada nesse romance?

Para dar seguimento, ressalte aos estudantes que epígrafes são uma espécie de intertextualidade e leia para eles a epígrafe de *O avesso da pele*. Nela, há um diálogo com a tradição literária: citação da fala de Bernardo, guarda do Castelo de Elsinore, personagem da peça teatral *Hamlet* (escrita entre 1599 e 1601), um clássico de William Shakespeare (1564-1616). A frase da epígrafe é: “*Quem está aí?*”. Pergunte aos estudantes se essa frase tem algum significado para eles. É possível que eles digam que não, e que a citação pareça deslocada. Por isso, é importante contextualizá-la para a turma: no drama shakespeariano, Bernardo é visto como um homem gentil e fiel que, juntamente com os colegas Francisco e Marcelo, alerta Horácio (amigo de Hamlet, príncipe da Dinamarca) sobre a aparição do fantasma de seu pai, o “velho rei Hamlet”. A fala de Bernardo abre toda a trama a ser desenvolvida na peça, já que acarretará no encontro do jovem Hamlet com o fantasma da figura paterna, que denunciará o motivo de sua morte: fora envenenado por seu irmão Cláudio, o usurpador de seu trono.

Depois desse contexto, eles provavelmente conseguirão relacionar a epígrafe à dedicatória e sobretudo ao romance de Jeferson Tenório. Nessa conversa, pondere com eles que, ao evocar *Hamlet* na epígrafe, o autor dá o tom do que é encontrado na leitura de *O avesso da pele*: questões como relações familiares, especialmente entre pai e filho, assim como aspectos envolvendo morte e violência. Além disso, reflita com os estudantes que todo escritor ou escritora dialoga com outros autores, afinal, quem escreve também lê bastante e vai guardando essas importantes referências. Desse modo, ao fazer essa epígrafe, Jeferson Tenório mostra seu diálogo com um autor clássico, Shakespeare, que muito tempo atrás tratou desses mesmos temas e inquietações, como as relações familiares e paternidade — questões que até hoje e provavelmente para sempre permanecerão abertas e prontas para serem revisitadas, dada a complexidade dos relacionamentos humanos.

Para finalizar, proponha um exercício criativo envolvendo a intertextualidade. Para isso, cada estudante escolherá um trecho que tenha gostado do livro *O avesso da pele* e comentará sobre o que trata esse trecho. Em seguida, peça que escrevam um texto sobre relações familiares. Para fazer esse texto, oriente-os a es-

tabelecer uma relação de intertextualidade com o trecho que escolheram antes, utilizando-o, por exemplo, como epígrafe ou citação, ou fazendo ainda uma paráfrase (se necessário, retome esses conceitos com a turma). Depois de prontos, é importante que os textos feitos pelos estudantes sejam lidos e comentados com o restante da turma.

PROPOSTA DE ATIVIDADE II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

HISTÓRIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

HABILIDADE

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

HABILIDADE

(EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

COMPETÊNCIA 6 (Linguagens e suas Tecnologias): Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADE

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

PRÉ-LEITURA

Propomos um trabalho interdisciplinar entre Língua Portuguesa e História, trazendo a discussão sobre as manifestações culturais de matrizes africanas e a intolerância religiosa que incide, especialmente, na representação dos orixás, temática bastante presente no livro.

Recomendamos, para isso, que o professor de História assista com os estudantes ao documentário *Diário de Naná* (Direção: Paschoal Samora e Daniel Augusto. Brasil, 2006, 60 min., livre).

Antes de iniciar a projeção do filme, é interessante pedir aos estudantes que se organizem em grupos. Proponha para cada grupo algumas questões que servirão como roteiro para suas reflexões enquanto assistem: como Naná Vasconcelos fala da mistura de instrumentos ocorrida no Brasil? Há alguma criatividade nisso ou apenas usamos instrumentos como os africanos na África? Como é a relação de Naná Vasconcelos com a religião ancestral do candomblé? É uma relação de respeito? Comente com os estudantes que nesse documentário o percussionista Naná Vasconcelos vai buscar em Salvador (BA) os ritmos da vida e a reconexão com sua ancestralidade. Assim, vemos a relação intrínseca entre música e fé, ou seja, entre a arte e as imagens da manifestação religiosa dos povos africanos, a valorização e o respeito aos saberes dos mais velhos. Depois de passar o filme, solicite que os grupos respondam às questões propostas, peça que compartilhem as respostas com o restante da sala e abra uma roda de conversa sobre o documentário. Nesse diálogo, é importante falar da diversidade religiosa e da convivência pacífica entre as diferentes religiões. Além disso, é interessante que os jovens percebam como as manifestações religiosas africanas estão profundamente ligadas ao que nós, ocidentais, vemos como arte ou como o princípio criativo que rege o universo.

Para dar seguimento, peça que cada grupo pesquise um elemento importante da cultura negra que aparece no filme, como o instrumento berimbau (exemplo: origem, história e material que o compõe); Besouro Mangangá (1895-1924), importante capoeirista baiano do século xx; a ligação do candomblé com a música (exemplo: quais instrumentos utiliza, a presença de cantos). Uma vez realizada a pesquisa, eles deverão apresentá-la ao restante da turma.

Essa atividade também é um interessante momento para uma conversa sobre a valorização do multiculturalismo. Para isso, depois que apresentarem as pesquisas, abra um debate e pergunte se os estudantes sabem o que é multiculturalismo, e se isso se relaciona com as pesquisas que realizaram. Em seguida, peça que os mesmo grupos que apresentaram as pesquisas agora debatam e respondam, por escrito, às seguintes questões: é importante conhecer elementos da cultura negra e africana? Essa cultura está presente e é importante no Brasil?

Passe pelos grupos enquanto realizam a atividade e estimule as discussões, ponderando com eles sobre o fato de que a cultura negra e africana é fundamental e parte direta da formação cultural e social do Brasil, juntamente com outras culturas que costumam ser pouco valorizadas, como a indígena. Para finalizar, oriente cada grupo a apresentar suas respostas ao restante da sala, abrindo novas reflexões.

Sugestão: enquanto o professor de História realiza esse trabalho com o filme, o de **Língua Portuguesa** poderá ler com os estudantes uma notícia, entre as muitas que infelizmente temos lido ultimamente, sobre a destruição de terreiros de umbanda e candomblé. Para tanto, sugere-se a leitura compartilhada de alguma notícia sobre incêndios provocados por intolerância religiosa, como o ocorrido em 6 de setembro de 2020, em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro. Depois de ler uma ou mais notícias sobre esses eventos, propor que os estudantes se organizem em grupos e troquem ideias. É recomendável que o professor circule pelos grupos, estimulando o diálogo, e que, ao final, a conversa seja feita por toda a turma. É possível que ocorram falas desrespeitosas e preconceituosas durante esse exercício, fato que demanda a atenção e a sensibilidade do professor. Nesse sentido, é necessário ressaltar com os estudantes a importância de tratar com respeito as diferentes crenças, tradições e religiões, uma vez que todas são importantes e devem ser respeitadas. Além disso, é interessante estimular a empatia e solicitar aos estudantes que se coloquem no lugar de quem está sofrendo perseguição por professar sua fé. Como se sentiriam se tais violências fossem contra eles ou alguém próximo? Quais sentimentos e emoções seriam despertados?

Se julgar oportuno, vale a pena também conversar com os estudantes sobre alguns estereótipos criados em torno dos adeptos das religiões no Brasil, do uso

de expressões como “macumbeiros”. Para finalizar, é importante deixar claro aos estudantes que violências e práticas de intolerância religiosa são crimes, que desrespeitam elementos como a fé e a identidade das vítimas.

Durante a conversa, pergunte se eles sabem o que é um terreiro. Talvez uma boa referência para os estudantes seja aproximá-lo de uma igreja: ambos são espaços específicos, voltados, ainda que não exclusivamente, para o exercício de uma religiosidade. Se quiser se aprofundar sobre o significado do termo *terreiro*, é interessante a explicação dos historiadores Luiz Simas e Luiz Rufino:

Dessa forma, a noção de terreiro transbordaria as compreensões que o têm como espaço exclusivo das expressões de culto religioso. O terreiro que propomos pensar problematiza a supremacia do conceito de terreiro vinculado estritamente às práticas consideradas religiosas, como também problematiza a dicotomia e a categorização dos aspectos considerados como sagrados e profanos. A sistematização polarizada entre aspectos sagrados e profanos nos ritos cotidianos viriam a produzir no imaginário popular uma espécie de classificação hierarquizada sobre os seus tempos/espacos praticados. Assim, o tempo/espaço destinado ao que se compreende como rito religioso estaria em condição distinta ao tempo/espaço das invenções rituais das festas. [2018, p. 43]

Para finalizar, retomando a discussão da notícia sobre terreiros trabalhada pelo professor de Língua Portuguesa, sugere-se que o de História aborde conteúdos historiográficos relativos à diáspora africana, destacando, por exemplo, a constituição dos quilombos e dos espaços de resistência física e cultural, como os terreiros.

LEITURA

Nas atividades de leitura, depois de toda a discussão feita até aqui, é interessante que o professor de História retome a leitura de trechos do livro *O avesso da pele*, privilegiando os momentos em que a questão religiosa vem à tona. Para tanto, o início do livro pode ser lido de modo compartilhado com os estudantes, em especial o trecho no qual entramos em contato com o orixá Ogum, que é descrito como o protetor de Henrique, pai do narrador:

[...] Até o fim você acreditou que os livros poderiam fazer algo pelas pessoas. No entanto, você entrou e saiu da vida, e ela continuou áspera. Há nos objetos memórias de você, mas parece que tudo que restou deles me agride ou me conforta, porque são sobras de afeto. Em silêncio, esses mesmos objetos me contam sobre você. É com eles que te invento e te recupero. É com eles que tento descobrir quantas tragédias ainda podemos suportar. Talvez eu deseje chegar a algum tipo de verdade. Não como um ponto de chegada. Mas como um percurso que vasculhe os ambientes e dê início a um quebra-cabeça, um quebra-cabeça que começa atrás da porta da sala, onde encontro um alguidar de argila alaranjada. E, dentro dele, uma pedra, um ocutá, enrolada em guias de cores vermelhas, verdes e brancas, um orixá. Observo-a com cuidado. É assim que se adentra numa vida que já se foi. Tiro o ocutá do alguidar. Lembro o dia em que você me disse que sua cabeça era de Ogum, e que isso era ter sorte, porque Ogum era o único orixá que sabia lidar com os abismos. Lembro que foi de sua boca que escutei pela primeira vez a palavra “abismo”. Há palavras que guardamos na infância porque nos confortam. Lembro agora do que minha tia Luara havia me dito para fazer quando encontrasse o seu Ogum. *Enrole-o num pano, segure-o entre as mãos e leve-o para o rio*, ela me disse. [...] (p. 13-4)

É interessante também que seja feita a leitura compartilhada do final do livro, no qual novamente se coloca a figura do orixá Ogum, estabelecendo uma conexão entre o narrador e Henrique, seu pai:

[...] E agora, aqui no seu apartamento, tento de algum modo me consolar. Lanço mais um olhar sobre suas coisas. Antes de sair, pego o seu alguidar, retiro o ocutá de dentro dele, enrolo num pano, como minha tia Luara disse para eu fazer. Saio segurando Ogum entre as mãos. Às vezes, as ruas de Porto Alegre parecem intermináveis, labirínticas até, não porque as avenidas sejam grandes, mas porque me sinto perdido nelas. Assim como você se sentia. Talvez “perdido” não seja a melhor palavra. Ao caminhar por Porto Alegre, você se sentia sem lugar. Porque, toda vez que você saía para caminhar, tinha a impressão de estar invadindo um espaço. Bastava dar uma olhada em volta para perceber que você não podia pertencer àquilo, mas acontece que você insistiu. Permaneceu. Porto Alegre era um lugar que você construiu fora de si. Você nunca esteve dentro dela. E agora caminho por

essas mesmas ruas, tenho Ogum em minhas mãos, e ainda me sinto perdido, mas a palavra continua não sendo essa. Vou em frente, na direção do Guaíba. Tenho Ogum em minhas mãos porque agora é a minha vez. (p. 187-8)

Feitas essas leituras, abra uma roda de conversa com os estudantes e conecte a figura de Ogum, orixá presente em religiões de matriz africana como Candomblé e Umbanda, com todos os diálogos realizados sobre intolerância religiosa e a destruição de terreiros. Investigue se eles acham que o modo como essa divindade aparece no livro é respeitoso, e por qual motivo. Pergunte como se sentiriam se tivessem notícia do ataque a um orixá ou da destruição de um terreiro com o qual alguém próximo a eles se conecta. Não lhes parece mais interessante a tolerância e respeito em vez da violência?

PÓS-LEITURA

Sugere-se que, na pós-leitura, os estudantes conheçam uma parte da história de Ogum que aparece no livro *Mitologia dos orixás*, de Reginaldo Prandi. Para tanto, se possível, entregue aos estudantes cópias ou impressões e faça com eles a leitura compartilhada do seguinte trecho:

Ogum dá aos homens o segredo do ferro

Na Terra criada por Obatalá, em Ifé,
os orixás e os seres humanos trabalhavam e viviam em igualdade.
Todos caçavam e plantavam usando frágeis instrumentos
feitos de madeira, pedra ou metal mole.
Por isso o trabalho exigia grande esforço.
Com o aumento da população de Ifé, a comida andava escassa.
Era necessário plantar uma área maior.
Os orixás então se reuniram para decidir como fariam
para remover as árvores do terreno e aumentar a área da lavoura.
Ossaim, o orixá da medicina, dispôs-se a ir primeiro
e limpar o terreno.
Mas seu facão era de metal mole e ele não foi bem-sucedido.
Do mesmo modo que Ossaim,
todos os outros orixás tentaram,

um por um, e fracassaram
na tarefa de limpar o terreno para o plantio.
Ogum, que conhecia o segredo do ferro, não tinha dito nada até então.
Quando todos os outros orixás tinham fracassado,
Ogum pegou seu facão, de ferro, foi até a mata e limpou o terreno.
Os orixás, admirados, perguntaram a Ogum de que material
era feito tão resistente facão.
Ogum respondeu que era o ferro,
um segredo recebido de Orunmilá.
Os orixás invejavam Ogum pelos benefícios que o ferro trazia,
não só à agricultura, como à caça e até mesmo à guerra.
Por muito tempo os orixás importunaram Ogum
para saber do segredo do ferro,
mas ele mantinha o segredo só para si.
Os orixás decidiram então oferecer-lhe o reinado
em troca de que ele lhes ensinasse
tudo sobre aquele metal tão resistente.
Ogum aceitou a proposta.
Os humanos também vieram a Ogum
pedir-lhe o conhecimento do ferro.
E Ogum lhes deu o conhecimento da forja,
até o dia em que todo caçador e todo guerreiro
tiveram sua lança de ferro. [2001, p. 86-7]

A partir dessa leitura é interessante propor que os estudantes se organizem em grupos e realizem uma pesquisa mais aprofundada sobre os principais orixás que integram a cosmologia africana, como Xangô e Iansã, tendo contato com suas características e os elementos da natureza com os quais esses orixás se conectam (trovão e vento, por exemplo). Para finalizar, peça que cada grupo produza uma obra de arte que melhor represente esse orixá.

Como inspiração, é interessante apresentar algumas produções artísticas que partam de manifestações culturais-religiosas africanas. Sugerimos alguns exemplos:

1. Orixás em quadrinhos: entrevista com o quadrinista baiano Hugo Canuto, que dá corpo aos *Contos dos orixás*, série que recria as histórias dos mitos

iorubás com o visual pop dos gibis de heróis. Ele fala sobre seu trabalho associado ao respeito pelas entidades que representa. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=XnwmGvu9uQI (acesso em: 10 nov. 2020).

2. “Chuta que é macumba”, poema falado (slam): o slammer Lucas Kóka apresenta um poema a intolerância religiosa e a necessidade de transformar a história oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TIhPkRKdJNo> e www.youtube.com/watch?v=P2WBleGXds&t=3s (acesso em: 10 nov. 2020).

Vale a pena, ao mostrar esse exemplo, conversar com os estudantes sobre o significado de termos como *macumba* e *macumbeiro*. Para isso, leia para eles a explicação dos historiadores Luiz Simas e Luiz Rufino:

Macumbeiro: definição de caráter brincante e político, que subverte sentidos preconceituosos atribuídos de todos os lados ao termo repudiado e admite as impurezas, contradições e rasuras como fundantes de uma maneira encantada de se encarar e ler o mundo no alargamento das gramáticas. O macumbeiro reconhece a plenitude da beleza, da sofisticação e da alteridade entre as gentes.

A expressão macumba vem muito provavelmente do quicongo “kumba”: feitiçeiro (o prefixo “ma”, no quicongo, forma o plural). Kumba também designa os encantadores das palavras, poetas.

Macumba seria, então, a terra dos poetas do feitiço; os encantadores de corpos e palavras que podem fustigar e atazanar a razão intransigente e propor maneiras plurais de reexistência pela radicalidade do encanto, em meio às doenças geradas pela retidão castradora do mundo como experiência singular de morte. [2018, p. 45.]

3. Orixás construídos com sucata: Série Tecno Orixá, do artista Valter Nu, criada com sucata. Disponível em: www.coretociativo.com.br/brand/valter-nu (acesso em: 10 nov. 2020).

Depois de mostrar esses exemplos, estimule os grupos a definirem os materiais (papel, tinta, argila etc.) e as linguagens (foto, pintura, escultura, colagem etc.) que usarão para produzir as obras.

Finalmente, uma vez produzidos os trabalhos, organize com eles uma exposição desses objetos de arte na escola, com o objetivo de atuar conscientemente

contra a intolerância religiosa. É interessante também que seja promovido um fórum de discussões para que os grupos falem sobre esse tema com outros estudantes da escola.

SOCIOLOGIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

HABILIDADES

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

PRÉ-LEITURA

A história de *O avesso da pele* se passa na capital Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, estado líder em casos de injúria racial. Com base nisso, sugere-se que, nas aulas de Sociologia, sejam discutidos os **temas injúria racial e preconceito** a fim de promover um debate sobre essas questões entre os estudantes.

Para isso peça que se organizem em dois grupos. O primeiro deverá fazer a leitura e discussão de um artigo sobre injúria racial: “Entenda por que o RS é líder em registros de casos de injúria racial”: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2019/09/entenda-por-que-o-rs-e-lider-em-registros-de-casos-de-injuria-racial-ck0fwub2o01pp01tgi1xg5yj5.html> (acesso em: 4 dez. 2020).

O segundo deverá fazer a leitura e discussão do artigo sobre as diferenças entre injúria e racismo: “Injúria × racismo: qual a diferença entre os dois?”:

<https://alvesaraujoadv.jusbrasil.com.br/artigos/434878258/injuria-x-racismo-qual-a-diferenca-entre-os-dois> (acesso em: 4 dez. 2020).

Enquanto os estudantes realizam a leitura, é interessante que o professor passe pelos grupos, estimulando as discussões. Feita a atividade, cada grupo compartilhará com o restante da turma o que leu e discutiu. Para finalizar, abra com os grupos um debate sobre a diferença entre injúria e racismo. Qual é mais comum de acontecer? É interessante que, durante o debate, o professor coloque no quadro palavras-chaves sobre conceitos como racismo e injúria, de modo que os estudantes reflitam e estabeleçam noções mais sólidas sobre esses temas.

LEITURA

Feitas as discussões dos artigos na etapa de pré-leitura, a ideia é que agora os estudantes retomem no livro *O avesso da pele* questões como injúria e racismo, observando como a obra as trata literariamente. Para tanto, sugere-se que seja realizada, de modo compartilhado, a releitura de dois fragmentos.

O primeiro trata de um episódio ocorrido durante uma entrevista de emprego do personagem Henrique:

[...] Lembra o dia em que um dos sócios foi entrevistá-lo para a vaga, você tinha dezenove anos. Ele se chamava Bruno Fragoso. Tinha quarenta e dois anos. Era um homem baixo, calvo, de rosto angulado e, embora não fosse fumante, tinha voz rouca de fumante. Ele te fez esperar por quarenta minutos, porque queria parecer ocupado e importante, no entanto, anos mais tarde, você descobriria que ele, na verdade, ficava na frente do computador jogando paciência ou vendo pornografia. Depois do tempo de espera, Bruno apareceu, apertou sua mão, sentou-se na sua frente e ficou te observando. Você tinha dezenove anos, mas ainda não sabia muita coisa sobre autoestima, nem sobre se valorizar e essas coisas necessárias para manter a sanidade, por isso você não conseguia olhar por muito tempo nos olhos dele. Bruno percebeu isso. Você era tudo que ele precisava. Você era uma presa fácil. Assim, com total domínio da situação, Bruno disse, com muita naturalidade, que não gostava de negros. Você levantou os olhos. Bruno não se intimidou e repetiu a frase: *não gosto de negros*. Talvez ele esperasse alguma reação sua. Mas nada aconteceu. Você permaneceu imóvel. Depois, Bruno se ajeitou

melhor na cadeira e justificou: *não gosto porque, quando eu tinha um sítio em Garibaldi, um casal de negros, que trabalhavam para mim como caseiros, me roubou. Levaram tudo que eu tinha na minha casa. Desde então, não confio mais em negros.* Até aquele momento você nunca havia sofrido racismo, assim, tão descaradamente, não que você se lembre. Mas você não se chocou, pois uma espécie de inércia tomou conta do seu corpo, você não sabia reagir. Na época, você nem sabia muito bem o que significava ser negro. Não havia discutido nada sobre racismo, nada sobre negritude, nada sobre nada. Naquele momento você era apenas um corpo negro. [...] (p. 20-1)

O segundo fragmento trata de uma passagem na qual o personagem Henrique é confundido com um bandido:

[...] Isso aos catorze anos, quando você estava num ponto esperando o ônibus, em Copacabana, para ir encontrar seu padrasto. Foi então que um ônibus parou e dele desceram alguns moleques que apontaram para você dizendo: *foi ele, foi ele.* Você não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo, e num impulso decidiu correr e, ao olhar para trás, viu um monte de gente correndo atrás de você. E por instinto de sobrevivência você entrou numa galeria de lojas, na rua Barata Ribeiro. Você entrou no primeiro lugar aberto que encontrou: uma igreja evangélica Assembleia de Deus. [...] A igreja estava vazia. Ficou ali, quieto, esperando, escutando a própria respiração. Mas então ouviu gritos: *ele tá aqui, ele tá aqui.* E de repente a igreja foi invadida por sabe-se lá quantos daqueles moleques sedentos por vingança. Um deles te achou e te apontou. Em instantes vieram todos para cima de você. Socos e chutes na cabeça, na barriga e no rosto, até você começar a sentir o gosto enjoativo do sangue. Você não ofereceu nenhuma resistência, apenas se colocou em posição fetal e tentou dizer: *eu não fiz nada.* Depois começou a perder os sentidos. Então alguém sacou uma arma e apontou para a sua cabeça, você ainda pode ouvir um deles gritando: *nós vamo te passar, neguim, tu vai morrer agora, neguim.* No entanto, antes que te matassem, porque não era ali que você morreria, você foi milagrosamente salvo por um dos pastores da igreja. Ele interveio dizendo: *pelo amor de Deus, gente, em nome de Jesus, respeitem a casa do Senhor, vocês não vão matar ninguém aqui dentro.* E, por algum outro milagre, aqueles moleques todos pararam de te bater e se afastaram. A igreja foi esvazia-

da. Você não chorou porque não teve tempo para isso. Você apenas sentia uma enorme dor na cabeça e percebia que um de seus dentes da frente estava mole, sabia que poderia perdê-lo e por isso evitava passar a ponta da língua nele. Você foi levado algemado para uma delegacia. Foi a primeira vez que você sentiu o ferro frio de uma algema nos pulsos. Ao seu redor, pessoas te xingavam e te chamavam de ladrão e ainda diziam que daquela você não escaparia. Somente na delegacia as coisas foram esclarecidas: você havia sido confundido com um bandido. (Acharam que você tinha roubado o boné de um daqueles moleques.) E ser confundido com bandido vai fazer parte da sua trajetória. E você vai custar a compreender por que essas coisas acontecem. [...] (p. 18-9)

Realizadas as leituras, abra uma roda de conversa com os estudantes e peça que indiquem momentos nos quais acham que ocorre racismo ou injúria. Pergunte se acham importante saber sobre racismo, injúria, negritude. E é importante que uma pessoa negra saiba e reflita sobre esses temas? Ter consciência sobre a situação pode ser uma ferramenta de desconstrução que contribua para que o olhar do outro não o veja como “apenas um corpo negro”, conforme descrito pelo narrador?

PÓS-LEITURA

Nas atividades de pós-leitura, é interessante estimular os estudantes a relacionarem as reflexões realizadas até aqui com a realidade próxima a eles. Para isso, peça uma pesquisa sobre a situação da população negra no município onde fica a escola, e solicite também que pensem em formas de conscientizar as pessoas sobre o racismo.

Assim, para iniciar a atividade, converse com os estudantes sobre o que acham que pode ser feito para melhorar a situação da sociedade brasileira quanto às questões que estamos abordando até aqui com a leitura do livro, como racismo e exclusão social. Nesse diálogo, pergunte se sabem o que é ativismo e se conhecem movimentos sociais e políticos negros. É interessante falar, por exemplo, sobre o movimento ativista internacional Black Lives Matter, ou Vidas Negras Importam, que gerou a hashtag #BlackLivesMatter nas mídias sociais, após a absolvição de George Zimmerman, que em 2012 matou a tiros o adolescente afro-americano Trayvon Martin.

Para dar seguimento, com base nessa conversa inicial, proponha que, organizados em grupos, os estudantes pesquisem a situação da população negra no município onde fica a escola e dos movimentos sociais que defendem essa população. Se houver dificuldade em obter essas informações locais, a pesquisa poderá ser feita sobre a situação no estado onde fica a escola. Depois de realizadas as pesquisas, cada grupo deverá utilizar essas informações que compilou para elaborar uma proposta de ação social que vise conscientizar a população local sobre crimes como o racismo, e também incentivar para que eles não aconteçam. Isso pode ser feito, por exemplo, com cartazes, lambe-lambes, redes sociais etc. Depois de discutidas as propostas, é interessante que, se possível, elas sejam efetivadas, ou seja, que os estudantes produzam e divulguem, com o auxílio do professor, suas propostas.

FILOSOFIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

HABILIDADE

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

PRÉ-LEITURA

Com base no fato de que o livro *O avesso da pele* é escrito por Jeferson Tenório, um autor negro, a proposta para as aulas de Filosofia é colocar em discussão **a relação entre ética, estética e lugar de fala**. Para iniciar, abra uma roda de conversa com os estudantes e pergunte se eles conhecem heróis negros, e quais seriam eles. Dadas as estruturas sociais nas quais vivemos, em que há uma profusão de heróis brancos, é provável que os estudantes tenham dificuldade em mencionar heróis ou divindades negras. Caso isso aconteça, questione-os se não acham isso estranho, já

que mais da metade da população brasileira é negra. Assim, é normal que seja tão difícil se lembrar de heróis negros? E será que é importante para uma pessoa achar-se parecida e ter características físicas semelhantes às de um herói? Por qual motivo?

Feito esse diálogo, sugerimos que seja passado aos estudantes o vídeo *Como surgiram os heróis? Jornadas heroicas*, no qual o advogado, filósofo e professor universitário Silvio Almeida discute sobre as figuras heroicas, a ética, a estética e a representatividade negra a partir da pergunta: “Onde estão os heróis negros?”. Antes de começar a exibição (www.youtube.com/watch?v=iUoKXQ3Tn0g&feature=youtu.be; acesso em: 2 nov. 2020), escreva na lousa algumas perguntas que cada estudante deverá responder individualmente depois de assistir ao vídeo, para estimular a atenção deles para alguns pontos importantes, como: Para Silvio Almeida, o que é um herói, e a que ele está associado? Qual é a origem da palavra *herói*? E quais características um herói reúne? O que é um anti-herói? É importante que o herói tenha ética? Por quê?

Assim, depois de assistir ao vídeo com os estudantes, de conversar sobre ele e de ouvir algumas respostas dos jovens, volte a perguntar se acham importante conhecermos heróis negros. Veja se atentaram à história que Silvio Almeida conta da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que no início escrevia histórias sobre pessoas brancas, na neve e que comiam maçãs — realidade muito diferente da que ela vivia na Nigéria. O que os estudantes pensam disso? Para Chimamanda foi importante conhecer literatura africana? (Ver também a p. 17-8 deste material, no qual abordamos o conceito de lugar de fala.)

Esse diálogo, assim como o vídeo de Silvio Almeida, toca em pontos como pluralidade e diversidade, e em como é limitadora e nociva a repetição de histórias únicas, contadas por apenas um determinado grupo de pessoas, como os homens brancos. Afinal, o mundo é grande, as pessoas e povos são muitos, compostos de particularidades e singularidades que importam.

Assim, para continuar a reflexão, pergunte aos estudantes se eles já ouviram a expressão “lugar de fala”, e se sabem o que significa. Essa expressão se relaciona a todo esse diálogo feito até aqui, já que se liga a questões como: na sociedade, que grupo fala? E quando fala, é desde onde? Para dar referências sobre a questão, sugerimos assistir com os estudantes ao vídeo *O que é lugar de fala?* (3min53s), no qual

Djamila Ribeiro explica esse conceito: www.youtube.com/watch?v=S7VQ03G2Lpw (acesso em: 4 dez. 2020).

Na sequência, abra um fórum de discussão com os estudantes e, no quadro, coloque características que eles apontam relacionadas ao que é “lugar de fala”. Além disso, pergunte se esse conceito, se a dificuldade de determinados grupos, como os negros, terem espaços de voz na sociedade pode ser associada à dificuldade de imaginarmos heróis negros. Para finalizar, estimule-os a pensar no que pode ser feito em relação a essas questões. Seria interessante anotar as sugestões no quadro para que todos possam visualizar.

LEITURA

A proposta aqui é a leitura compartilhada de uma passagem na qual o autor retoma o título do livro. Assim, pergunte aos estudantes o que imaginam quando pensam nesse título, *O avesso da pele*. O que ele significa? Converse com a turma que o avesso da pele pode ser pensado como um lugar de dentro, ou seja, de uma subjetividade para além dos discursos que definem e encarceram os indivíduos de pele negra. Trata-se do lugar dos afetos:

[...] Conforme fui crescendo, suas perguntas foram ficando mais complexas. E confesso que às vezes eu não queria ser profundo. Eu queria apenas brincar e ser como os outros filhos eram com seus pais. No entanto, agora eu sei que você estava me preparando. Você sempre dizia que os negros tinham de lutar, pois o mundo branco havia nos tirado quase tudo e que pensar era o que nos restava. *É necessário preservar o avesso*, você me disse. *Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. É nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos.* Lembro que você fazia um grande esforço para ser entendido por mim. Eu era pequeno e talvez não tenha compreendido bem o que você queria dizer, mas, a julgar pela água nos seus olhos, me pareceu importante. {p. 61}

Feita a leitura compartilhada, pergunte aos estudantes o que compreenderam dessa passagem, e como acham que esse narrador se sente. E Henrique, o pai dele, por que será que tinha lágrimas nos olhos quando falava disso? Será que existe esse lugar que, independentemente de preconceitos, lutas antirracistas, violência social, fica ali, preservado, guardando afetos que talvez existam simplesmente por alguém estar vivo e ser humano?

Essa conversa é importante para que os estudantes lembrem que, se existem questões sociais e estruturais, também existem pessoas e subjetividades, e que elas vivenciam questões comuns, como outras pessoas: têm afetos, sentem desejo de serem compreendidos, sentem amor, raiva, alegria, fazem projetos de vida. Trata-se de um momento tocante do livro, que mostra o quão nefastos são os efeitos dos preconceitos e racismos: eles atingem diferentes indivíduos e, ao mesmo tempo, toda uma sociedade.

PÓS-LEITURA

Realizadas essas atividades, abra uma roda de conversa com os estudantes perguntando se, afinal, consideram importante as pessoas negras serem autoras e publicarem livros. Além disso, pergunte se conhecem autores negros além de Jefferson Tenório. Quais?

Partindo desse diálogo, liste no quadro alguns temas importantes relativos a esse assunto, como: porcentagem de escritores negros no mercado editorial brasileiro; sugestões de obras de autores negros; editoras pertencentes a negros e também as voltadas para a publicação desses autores. Feitas essas sugestões de temas, verifique se eles têm mais sugestões. Em seguida, peça que se organizem em grupos, cada um responsável por um tema diferente para pesquisar. Depois, os grupos apresentam seu tema ao restante da turma.

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

Depois dos trabalhos com essa obra, tanto nas aulas de Língua Portuguesa como em outras disciplinas, é interessante aprofundar alguns aspectos formais de *O avesso da pele*.

Conforme já falado, um importante elemento dessa narrativa, que merece ser discutido de modo mais detido, diz respeito ao narrador e ao procedimento escolhido para contar a história. Além da peculiaridade quanto às pessoas do discurso, abordada na leitura das aulas de Língua Portuguesa, pode-se ponderar o constante uso da palavra “você” — que gera, além da proximidade com o leitor, uma abertura de sentidos. Primeiro esse pronome parece se referir ao pai, como se o narrador estivesse conversando com o próprio pai, ainda que saibamos que esse pai está morto. No entanto, com a intensificação do procedimento, há momentos na obra em que se tem a impressão de que, ao utilizar esse “você”, o narrador também está falando consigo mesmo, fazendo autorreflexões, como um autor que se faz leitor de sua obra/vida. Isso acontece, por exemplo, na seguinte passagem:

Um dia você recebeu a notícia da morte do seu pai. Mas você não sabia bem como reagir. Pois você não conviveu com ele. Seu pai sempre foi um completo estranho. A verdade é que o tempo passou e você ainda não sabe bem como lidar com isso. [...] (p. 68)

Ou ainda, no seguinte trecho:

[...] E em breve você se dará conta de que rir não será uma tarefa muito fácil. Chorar também não é uma ação que você poderá exercer com frequência. Muito cedo aprenderá que o seu pranto vai enfraquecer sua mãe. Então, você vai evitar. Vai chorar para dentro. Você e sua mãe viverão numa espécie de solidão mútua. [...] (p. 69)

Essa mescla causada pelo constante uso do pronome “você” se intensifica se pensarmos que o narrador também perde o pai de modo súbito. Assim, estamos diante de um procedimento narrativo sofisticado, no qual o narrador parece, ao

longo do livro, ir incorporando esse pai ausente, a ponto de em alguns momentos quase confundir-se com ele, em um movimento que parece ser a tentativa de dar corpo e proximidade a uma ausência.

É importante sensibilizar para as nuances dessa movimentação narrativa que, além de demonstrarem uma construção complexa, ainda aproximam o leitor da história, que vai se tornando cada vez mais íntima e colada ao corpo do narrador. E esse envolvimento do leitor é intensificado ainda pelo fato de o “você” repetido, como comentado anteriormente, também dar a impressão de ser dirigido ao leitor.

A AUTOFICÇÃO COMO MODO DE CONTAR-SE

Há outro aspecto interessante para aprofundar nessa obra: algumas associações da biografia do autor Jeferson Tenório com o romance *O avesso da pele*, ainda que se trate de uma obra que se apresenta como ficcional, conforme é explicitado na página de créditos do livro (p. 4), na qual há um aviso:

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Ainda assim, é difícil não relacionar alguns traços de Jeferson Tenório — o fato de ser negro, professor, morar em Porto Alegre — com características dos personagens e da obra, que também se passa na capital gaúcha. Além do mais, Tenório também é pai, e sabemos disso pela dedicatória do livro: *Para João, meu filho* (p. 5). Por isso, há a impressão de que *O avesso da pele*, ainda que seja um romance ficcional, traz também traços que dialogam com a autoficção, gênero bastante utilizado na literatura contemporânea, em obras como *Divórcio* (2013), do brasileiro Ricardo Lísias, que mistura elementos que a princípio parecem contraditórios: autobiografia e ficção. A autoficção é um interessante modo de o autor contar-se, sem deixar de estar protegido pelo manto da ficção.

Se quiser saber mais sobre a autoficção relacionada ao livro *Divórcio*, de Ricardo Lísias, há um interessante artigo disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182017000200182 (aceso em: 12 nov. 2020).

É interessante refletir sobre esse jogo ficcional, pois, além de trazer uma nova camada interpretativa, aproxima *O avesso da pele* de outras obras contemporâneas sem afastá-lo das características tradicionais do gênero literário romance. Além disso, trata-se de um aspecto interessante para discutir a noção de autoria, já que os jovens estão em um momento da vida no qual estão desenvolvendo e fortalecendo as próprias identidades, vozes e autorias, sendo bastante comum que se expressem, por exemplo, através de redes sociais ou vídeos. Assim, é importante estimular que reflitam sobre o que é ser autor e que travem contato com diferentes formas e possibilidades de exercerem essa autoria.

Se quiser se aprofundar sobre o gênero autoficção, há um interessante artigo que expõe que:

[...] A autoficção é um gênero que embaralha as categorias de autobiografia e ficção de maneira paradoxal ao juntar, numa mesma palavra, duas formas de escrita que, em princípio, deveriam se excluir. Apesar de todos saberem que o escritor sempre se inspirou (também) em sua própria vida, a ficção foi o caminho trilhado pelo romance ocidental para se firmar ao longo da História. Como o romance autobiográfico foi, tradicionalmente, considerado um filho bastardo, um híbrido, que quase sempre mereceu o desprezo da crítica, a autoficção acabou por ocupar esse lugar, embora com formatos inovadores. A contemporaneidade assiste, assim, ao surgimento de novos tipos de escritas de si, descentradas, fragmentadas, com sujeitos instáveis que dizem “eu” sem que se saiba exatamente a qual instância enunciativa ele corresponde. (FIGUEIREDO, 2010, p. 91)

Além disso, discutir o conceito de autoficção pode ser interessante para problematizar questões como: será que é possível um autor criar e escrever algo que não traga um pouco da própria história? E será que isso não reforça a importância de conhecermos histórias narradas por autores com corpos e histórias diversas, como indígenas, negros, mulheres, isso é, irmos além das narrativas elaboradas principalmente por homens brancos?

Por todas essas características, *O avesso da pele* possibilita uma experiência sensível e reflexiva, que se relaciona com a atualidade, além de gerar identificações com as vivências dos estudantes do Novo Ensino Médio. Esses jovens vivem em

um mundo repleto de preconceitos, e colocar uma lente sobre o tema pelas vias do romance de Jeferson Tenório é oportunizar uma rica reflexão sobre a realidade, estimulando-os, assim, a transformá-la. E isso através de um romance escrito com grande apuro em seu enredo e nos procedimentos estéticos, os quais apostam na inteligência dos leitores e são fundamentais à formação leitora dos jovens.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Livro: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. São Paulo: Ática, 2014.

Uma obra fundamental da literatura brasileira, construída a partir de anotações e diários da autora. Apresenta, literariamente, a voz, as reflexões e a realidade de uma escritora negra moradora da favela do Canindé, no município de São Paulo.

Livro: *Pequeno manual antirracista*, de Djamila Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

A destacada pensadora, filósofa e ativista negra Djamila Ribeiro trata nesse livro, de modo contundente, de um tema central no Brasil, que é o racismo. *Pequeno manual antirracista* impõe-se, portanto, como uma obra fundamental no Novo Ensino Médio.

Museu Afro Brasil. Disponível em: www.museuafrobrasil.org.br (acesso em: 3 dez. 2020).

O Museu Afro Brasil, no Parque Ibirapuera, em São Paulo, destaca a perspectiva africana na formação do patrimônio, da identidade e da cultura brasileira, celebrando a memória, a história e a arte brasileira e a afro-brasileira. É possível fazer uma visita virtual.

Palestra: *Qual o lugar do branco na luta antirracista?*, de Lia Vainer Schucman. TEDxFloripa, 2020. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=q6tSIHzpFTc (acesso em: 5 nov. 2020).

Psicóloga social e ativista antirracista, Lia Vainer Schucman apresenta neste TED provocações para refletirmos sobre os privilégios simbólicos e materiais da branquitude, convidando-nos a pensar na responsabilidade e no lugar do branco na luta antirracista. A palestrante é professora na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora de Psicologia e Relações Étnico-raciais e referência nos estudos sobre branquitude.

Vídeo: *Como surgiram os heróis? Jornadas heroicas*. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=iUoKXQ3Tn0g&feature=youtu.be (acesso em: 4 dez. 020).

O filósofo, advogado e professor Silvio Almeida apresenta as figuras heroicas que ocupam um lugar mítico no nosso imaginário, discutindo o conceito de “herói”, definido como um homem extraordinário que se destaca por seus feitos guerreiros, por seu valor ou magnanimidade, trazendo reflexões sobre a representatividade negra. Ele se pergunta: onde estão os heróis negros?

Palestra: *O perigo de uma história única*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg&ab_channel=TED (acesso em: 22 nov. 2020).

Neste TED Talk a escritora aborda as histórias que consumimos e que representam apenas uma parcela da população, alertando para o fato de que “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentiras, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”.

Documentário: *Xirê dos orixás: A festa da natureza*. Brasil, 118 min, 2016. Sem classificação etária. Disponível em: bit.ly/Xiredosorixas (acesso em: 28 nov. 2020).

O filme traz conhecimento e informações sobre os orixás, mostrando que eles são forças da natureza que se manifestam através das danças e cantos ritualísticos, e que compõe uma tradição oral passada ao longo de inúmeras gerações.

Documentário: *O diário de Naná*. Direção: Pascoal Samora e Daniel Augusto. Brasil, 2005, 60 min. Livre. Informações sobre o filme em: <http://cirandadefilmes.com.br/br/filme/204-Diario-de-Nana->. Acesso em: 3 dez. 2020.

Filme sobre a música e a cultura no Recôncavo Baiano. O percussionista brasileiro Naná Vasconcelos vai encontrando pessoas que usam o ruído para criar música e faz uma pesquisa sobre a música ligada à religiosidade.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/ Consed/ Undime, 2018.

A BNCC é o documento norteador dos currículos dos sistemas e redes de ensino, como também das propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica.

DALCASTAGNÈ, Regina. “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília: UnB, 2005. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077/8085>. Acesso em: 3 dez. 2020.

Neste longo artigo, a pesquisadora debruça-se sobre a constatação, diante da literatura brasileira contemporânea, da ausência de dois grandes grupos de personagens em nossos romances: os pobres e os negros. A partir disso, faz um grande mapeamento da personagem do romance brasileiro atual, com obras publicadas entre 1990 e 2004, discutindo questões de invisibilidade e representatividade.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Essa obra traz importantes narrativas relacionadas a diferentes orixás e seus mitos, pesquisadas e organizadas por Prandi. Além disso, o livro conta com fotos e ilustrações, que ajudam na visualização desse rico imaginário.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Neste livro, a filósofa se propõe a apresentar, ao grande público, questões referentes aos mais diversos feminismos de forma didática e acessível. Para isso, promove uma discussão importante sobre a vulnerabilidade das mulheres negras, como o encarceramento, o racismo estrutural e a branquitude, sustentando que o conceito de lugar de fala ajuda a compreender que as palavras não são construções inocentes, mas representações coletivas que atravessam as experiências individuais do seu autor.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

O livro apresenta abordagens interessantes sobre a educação com base em presenças, saberes e gramáticas subalternizadas pelo colonialismo, problematizando os ataques sobre a diversidade cultural e fazendo justiça a outras experiências sociais em favor da vida, da dignidade, do bem viver e da justiça cognitiva e social. É um exercício de disponibilidade filosófica e pedagógica, de giros enunciativos, políticos e epistemológicos necessários para a descolonialidade do ser/saber.

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2002.

Santaella traz nesta obra um importante estudo sobre semiótica, em um diálogo que se ancora em aspectos teóricos e que gradualmente vai se aprofundando e apresentando análises que ficam mais complexas e minuciosas, oferecendo importantes ferramentas ao leitor e a seu desenvolvimento.

OBRAS CITADAS

FIGUEIREDO, Eurídice. “Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho”. *Criação & Crítica* n. 4, abr. 2010. Disponível em: www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46790. Acesso: 12 nov. 2020.

MOREIRA, Matheus; DIAS, Tatiana. “O que é ‘lugar de fala’ e como ele é aplicado no debate público”. *Nexo*, 15 jan. 2017. Disponível em: www.nexojournal.com.br/expresso/2017/01/15/O-que-%C3%A9-%E2%80%98lugar-de-fala%E2%80%99-e-como-ele-%C3%A9-aplicado-no-debate-p%C3%BAblico. Acesso em: 9 nov. 2020.

TANCREDI, Thamires. “Djamila Ribeiro: a filósofa que se tornou uma das principais vozes no combate ao racismo”, *Gaúcha ZH*, 17 maio 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/gente/noticia/2019/05/djamila-ribeiro-a-filosofa-que-se-tornou-uma-das-principais-vozes-no-combate-ao-racismo-cjvr0ryt1050p01maqqr30y7.html> (Acesso em: 5 nov. 2020).